

## TRAVESTIS: CORPOS BANHADOS PELO ENVELHECIMENTO SOB ANÁLISES BIBLIOGRÁFICAS

TRANSVESITES: BODIES PLATED AGING IN LITERATURE ANALYSIS

ROBSON LOVISON<sup>1</sup>, VERA MÁRCIA MARQUES SANTOS<sup>2</sup>, MARSON LUIZ KLEIN<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Enfermeiro, Professor no Centro de Educação Profissional de Chapecó – CEDUP.

<sup>2</sup> Doutora em Educação, Professora Adjunta do Centro de Educação a Distância.

<sup>3</sup> Mestre em Ciências da Saúde, Professor do Departamento de Enfermagem da Universidade Comunitária da Região de Chapecó

\* Rua Assis Brasil, nº119D – Centro, CEP 89801-355, Chapecó/SP. E-mail: robson.lovison@icloud.com

### RESUMO

Esta pesquisa objetivou analisar os resultados dos estudos na área científica sobre o envelhecimento de travestis no Brasil, nos últimos quinze anos. Trata-se de revisão bibliográfica utilizando como base a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), artigos do Google Acadêmico, teses e dissertações indexadas na *Medline* e *Scielo*, empregando os descritores: travestis; gênero; envelhecimento e corpo, no período de 2000 a 2015. Foram encontrados apenas 19 trabalhos, indicando que estudos sobre o envelhecimento de pessoas que se definem como travestis são escassos, especialmente quando são consideradas questões como o acesso à saúde, ainda que se tenha percebido um progressivo aumento das pesquisas. A maioria dos estudos apontou para aspectos como exclusão social, familiar e profissional, sendo a prostituição resultado dos determinantes sociais que as excluem. O percentual de travestis que conseguem envelhecer é baixo, em função da vida que levam por lhe faltarem opções dignas. As questões de saúde constituem grandes desafios a serem enfrentados durante suas vidas, havendo carência na efetivação de políticas públicas de saúde voltadas a esse segmento. Sugere-se a atuação da enfermagem na construção da cidadania das travestis, a partir da luta pela implementação de ações de saúde e no atendimento digno e respeitoso, considerando suas especificidades.

**Palavras-chave:** Enfermagem. Envelhecimento. Saúde. Travestis. Violência.

### ABSTRACT

This research aimed to analyze the results of the studies in the scientific area concerning the aging of transgender (transvestite / travesty) people in Brazil in the last fifteen years. It is based upon the bibliographic revision using as main source the “Biblioteca Virtual em Saúde” (BVS) (Virtual library in health), articles in Google Scholar, thesis and essays attached in Medline and Scielo, using the keywords: transvestite; gender; aging and body, in the period between 2000 and 2015. Only 19 researches were found, indicating that studies about people who define themselves as transvestites are rare, especially when features as access to health are considered, even if it's possible to notice an increase in the

researches. Most of the studies pointed to aspects like social, familiar and professional exclusion, prostitution being one of the results of the social determinants that exclude them. The percentage of transvestites that are able to age is low, due to the life they lead as they lack decent options. Questions of health form great challenges to be faced throughout their lives, there is a lack in the realization of health public politics directed to this segment. Nursing's acting is suggested in the construction of citizenship for transvestites, in the fight for the implementation of health actions and in the decent and respectful service, considering their specificities.

**Keywords:** Aging. Health. Nursing. Transvestites. Violence.

## INTRODUÇÃO

Temas que tratam de gênero e da orientação sexual estão em voga nos últimos anos, em todo o mundo. São inúmeros os contextos em que essas questões podem e têm sido debatidas e envolvem desde definições de termos e conceituação, passando por questões religiosas, biológicas, culturais e chegando efetivamente a aspectos relacionados à qualidade de vida, ao bem-estar e ao cotidiano da vida das pessoas com identidade de gênero, que sofrem algum tipo de discriminação.

Importa esclarecer que, a categorização das pessoas de acordo com sua orientação sexual ou gênero é justificada pela necessidade de organizar o funcionamento social, porém, há de se evidenciar que essa diferenciação acaba por promover a discriminação. Como explica Antunes (2010), o conhecimento científico foi categorizando a sexualidade, através das percepções do corpo e determinando como cada grupo classificado deveria ser, incluindo nisso determinações do que é ou não normal.

Essa condição classificatória ajuda a ampliar a noção quase caricaturada de algumas populações, que não são considerados "normais" no cotidiano da vida social e são ignoradas enquanto seres detentores dos mesmos direitos e deveres como qualquer outro. Travestis convivem cotidianamente com essas questões: o mundo sabe que elas existem, mas há uma percepção que estimula a indiferença e a ideia de que são "criações" que um dia, simplesmente, sairão de cena.

Criou-se um entendimento histórico de que travestis, entre outros grupos, como homossexuais e bissexuais, são seres patológicos. Esse entendimento que se fixou na cultura das sociedades ocorreu por razões médicas e de saúde mental, visto que a psicanálise e a medicina definiram que qualquer comportamento sexual que fugisse ao considerado normal (homem/mulher) seria comportamento patológico.

Assim, definiu-se o termo homossexualismo, em que o sufixo *ismo* significa doença. Em 1975, foi inserido na Classificação Internacional das Doenças (CID), como sendo um transtorno sexual. Em 1985, a Organização Mundial da Saúde (OMS) anunciou que o homossexualismo deixava de ser um transtorno e passava a ser um desajustamento comportamental. Em 1995, há apenas 20 anos, o homossexualismo foi tirado da CID, assim como foi retirado o sufixo "ismo" e substituído por "dade" (modo de ser). Portanto, hoje a

denominação homossexualismo foi substituída, pelo termo homossexualidade (MATOSO, 2014).

Somado a isso, estão os dogmas religiosos que sempre consideraram a homossexualidade como pecado e influenciaram diretamente as famílias a abandonarem, ou expulsarem de seus lares pessoas com comportamento diferente daquele que consideravam padrão, ou “decente”, frente às normas de sua religião.

Todo esse histórico perverso resultou em uma cultura generalizada de discriminação e até medo das travestis que se mantém até os dias atuais. Nestas circunstâncias, são tratadas como seres indignos, que não deveriam existir, como aberrações e os mais extremistas, defendem o extermínio dessas pessoas. Em função da condição social imposta, tendem a viver de maneira improvisada, seja na questão de moradia, de alimentação, de saúde, de segurança, de formação e profissionalmente (KULICK, 2008).

Quando se soma a isso outros elementos do cotidiano e do processo de desenvolvimento do ser humano em geral, o problema se amplia. É o caso do envelhecimento. O questionamento: travestis envelhecem? Parece ser parte de algum filme de ficção para a maioria das pessoas que, ao serem questionadas, se surpreendem ao tomar consciência de que esta população não é formada por personagens, mas por seres humanos como qualquer outro, que nascem, crescem, se desenvolvem e tem as mesmas necessidades, desejos, aspirações e problemas, como qualquer outra pessoa. E sim, deveriam envelhecer.

O envelhecimento de travestis, portanto, é um problema relevante e que merece ser tratado com todo o respeito e dedicação. Acima de tudo é um tema que merece mais atenção do Estado e, conseqüentemente, da saúde pública. As políticas públicas devem ser elaboradas e implementadas de forma que promovam informação e conhecimento visando minimizar os efeitos sórdidos do preconceito e também, para acolher e atender com dignidade essa parcela da população que sofre todas as agruras da exclusão.

A questão da saúde é um dos mais graves problemas que enfrentam durante toda a vida, tanto especificamente em relação as doenças sexualmente transmissíveis, como nos aspectos gerais, pois, não há políticas públicas efetivas – embora já estejam elaboradas no papel - voltadas a promoção da saúde, entre esse grupo (MOREIRA, 2013). Convém salientar que conforme definido pela OMS (1946) saúde é o “estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não somente a ausência de enfermidade ou invalidez”, ou seja, envolve todas as questões debatidas durante o estudo como moradia digna, trabalho com segurança, inclusão social, entre outros.

Esta pesquisa detectou que é preciso haver políticas públicas que leve em conta suas especificidades existenciais para que as apanhem. Necessitam de políticas de saúde que as auxiliem em seus processos de transformação corporal para que não tenham que se arriscar clandestinamente com silicone industrial e ingestão hormonal desregrada. Paralelamente, há outro grande desafio que diz respeito à sua profissão e meio de sobrevivência. Ocupações onde não precisem se arriscar. E que se assim for, que sejam por escolha e não por ser a única forma de sustento financeiro (ANTUNES; MERCADANTE, 2011, p. 125).

No Brasil, existe a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT) instituída pela Portaria nº 2.836 de 1º de dezembro de 2011, única política pública organizada, elaborada, sancionada e publicada no Brasil. Há, a partir disso um programa que em teoria pode ser considerado significativo, considerando as décadas de lutas para instituir ações em prol desta população.

A Política Nacional de Saúde Integral LGBT tem por objetivo “promover a saúde integral LGBT eliminando a discriminação e o preconceito institucional, bem como contribuindo para a redução das desigualdades e a consolidação do SUS como sistema universal, integral e equitativo” (BRASIL, 2011), portanto, busca atender a Constituição Federal e a Política Geral do SUS que primam pela integralidade e a equidade.

A política, respeitando o termo integral contido em sua denominação, não foca apenas na saúde física das pessoas LGBT, mas em elementos como o respeito aos direitos humanos, a promoção da cidadania e da inclusão, o estímulo aos processos de formulação de outras políticas, mais específicas como orientação sexual, identidade de gênero, ciclos de vida, entre outros, combate a homofobia e todas as formas de discriminação, inclusão da temática LGBT em todos os cursos e processos de educação dos profissionais do SUS, produção de conhecimento científico e tecnológico acerca da saúde a população LGBT, auxílio no fortalecimento das representações dos movimentos sociais, difusão de informação sobre a saúde e acesso a saúde e finalmente implementação de ações, procedimentos e serviços no SUS que atendam a todas as condições e necessidades de saúde física e psíquica da população LGBT (BRASIL, 2011).

Observa-se, portanto, que a política LGBT é ampla e significativa, entretanto, é fundamental que a prática cotidiana do sistema de saúde público brasileiro, esteja orientada efetivamente por estas políticas. Falta a implementação efetiva das ações e a preparação e formação adequada dos profissionais que atuam no setor, especialmente na estratégia de Saúde da Família (ESF).

Portanto, é fundamental para a construção da cidadania, da igualdade, responsabilidades também na área da saúde e, especialmente para a formação eficiente e ampla dos profissionais, reconhecer a singularidades desse grupo e promover a saúde, sugerindo e lutando por políticas públicas que sejam efetivas e atendam a essa população e fomentando as práticas respeitadas e individualizadas.

Se de um lado, abordar esse assunto auxilia na tomada de consciência sobre a realidade das travestis e da necessidade de reconhecê-las enquanto pessoas e não como seres abjetos, por outro lado, colabora no levantamento da situação real das travestis idosas e busca ainda levantar as razões que mostram porque muitas travestis não chegam a envelhecer. Todos estes motivos se traduzem no combate ao grande problema de grupos minoritários, a discriminação, o que motivou a definição deste tema em estudo: a relação entre a travestilidade e o envelhecimento.

Deste modo, o texto elaborado surge do levantamento de publicações que abordam a questão do envelhecimento das travestis, considerando a transversalidade, a quantidade de publicações e a qualidade dos métodos

aplicados nesses estudos. Objetivou-se levantar os estudos e analisar os resultados da produção científica acerca do envelhecimento das travestis no Brasil, publicados no período de 2000 a 2015.

## MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de uma revisão bibliográfica que, é a base de qualquer pesquisa científica, sendo neste estudo utilizado o método estado da arte ou estado do conhecimento.

Estado da arte é um termo que define um método de estudo realizado através da revisão bibliográfica. Para tanto, é definido um tema, em determinada área do conhecimento e levantadas as teorias, discussões e métodos de pesquisa utilizados para analisar este tema. São, em síntese, pesquisas que estudam pesquisas (FERREIRA, 2002).

Para utilizar o estudo da arte como método de pesquisa é necessário seguir algumas regras essenciais que inicia com o recorte temático em que é importante delimitar o tema que será estudado, pois, a partir disso se buscará os estudos específicos que dele tratam. Neste estudo o tema é a relação entre a travestilidade e o envelhecimento.

É preciso definir um recorte temporal, pois, o objetivo desta metodologia é compreender como aquele tema foi tratado durante determinado tempo ou período. Definiu-se como recorte temporal os últimos 15 anos, de 2000 a 2015. Em seguida define-se o recorte espacial, ou seja, definir em que espaço geográfico, social ou cultural, se vai realizar o estudo, já que esses são indicadores que influenciam nas características, conduções e percepções do tema definido.

Delimitou-se a pesquisa a artigos escritos em português. Para realizar a pesquisa é importante definir palavras-chaves que nortearão a condução do levantamento dos textos e estudos. Foram definidos como os descritores: travestis; gênero; envelhecimento; corpo. Para que o estudo seja válido, tenha qualidade e confiabilidade cabe também definir o tipo de estudo que será considerado. Foram buscados artigos, textos e trabalhos acadêmicos publicados na base a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) (FERREIRA, 2002; ROMANOWSKI, 2002).

Esse tipo de pesquisa faz uma revisão sistemática e integrativa, tanto quantitativa, quanto qualitativa de um tema, em determinado período e espaço. Ela mostra quantos estudos foram feitos e qual a relevância, significado e qualidade deles e assim, permite que se tenha embasamento para definir a forma como determinado tema tem sido tratado (FERREIRA, 2002).

Para Ferreira (2002), o método de pesquisa estado da arte ou estado do conhecimento surgiu para resolver uma lacuna que indicava a sensação de não conhecimento acerca da totalidade de estudos e pesquisas em determinada área, consequência do crescimento quantitativo e qualitativo e da pouca divulgação sobre determinada produção acadêmica.

Para conduzir o estudo de revisão foi utilizado como base a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), empregando os descritores: travestis; gênero; envelhecimento; corpo.

Foram definidos como critérios de inclusão, a quantidade e a qualidade dos métodos aplicados nos estudos que foram publicados no período de 2000 a 2015 e que, portanto, fundaram-se na cientificidade. O critério de exclusão focou na eliminação de trabalhos em que o tema principal não se restringisse ao envelhecimento das travestis.

Foi realizada exaustiva pesquisa de artigos, textos e trabalhos acadêmicos, fichados, selecionados e classificados, para definir àqueles que atendiam expressamente os critérios de inclusão. Em seguida, os textos foram analisados e categorizados de forma a quantificar e qualificar e assim ser possível descrever e analisar os resultados. A pesquisa foi realizada no período de agosto de 2015 a março de 2016, já a classificação dos artigos perdurou entre abril e junho de 2016.

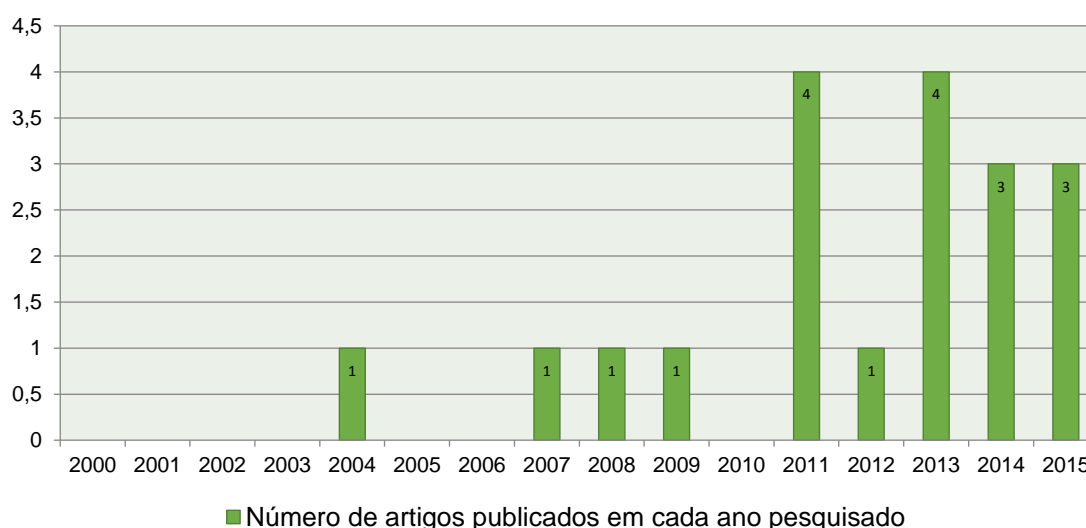
## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seleção final resultou em 19 textos, compostos por duas dissertações, três teses, um editorial e 13 artigos, no período de 2000 a 2015. A partir deste conjunto de publicações foram analisadas as seguintes categorias: ano de publicação, áreas do conhecimento, tipo de pesquisa e resultados e considerações dos estudos acerca do tema.

### Ano de publicação dos estudos

Observou-se que até o ano de 2004 nenhum artigo que atendesse os critérios de inclusão, foi publicado, sendo, portanto, a pesquisa reduzida a 11 anos, já que nos primeiros 4 anos dos 15 que se pretendia investigar, não foram publicados trabalhos. A Figura 1 apresenta os resultados encontrados por ano de pesquisa.

**Figura 1** – Distribuição dos artigos selecionados por ano - 2000 a 2015.



**Fonte:** os autores

No ano de 2004 foi encontrado um artigo, igualmente em 2007, 2008 e 2009. Em 2011 foram quatro, em 2012 um, quatro em 2013, três em 2014 e três

em 2015. entre os anos de 2000 e 2006 apenas uma publicação foi encontrada, indicando que apenas a partir de 2007 e com mais intensidade a partir de 2011, estudos acerca do envelhecimento de travestis começaram a ser realizado no país.

### **Áreas do conhecimento das publicações**

As publicações selecionadas estão distribuídas nas seguintes áreas do conhecimento: seis textos na área de antropologia social; quatro de filosofia e sociologia; três de psicologia social e educação; dois de história/antropologia; dois de ciências sociais; um de educação e direitos humanos e um de saúde pública.

A diversidade das ciências e disciplinas que estuda o tema aponta para o progresso que tem ocorrido nos últimos anos na questão da travestilidade. Por outro lado, a verificação de que apenas um artigo foi publicado na área de saúde tendo como autor um enfermeiro, aponta para o pequeno interesse das ciências da saúde pelo assunto. Importante destacar que o tema é multidisciplinar e como tal deve ser tratado, tendo na área da saúde um dos campos que muito tem a colaborar na desconstrução da discriminação e na inclusão social, que engloba a qualidade de vida e o direito a saúde.

### **Tipos de pesquisa das publicações**

Quanto ao tipo de pesquisa, 13 textos seguem alguns dos diversos métodos de pesquisa de campo, utilizando como instrumentos a observação, entrevistas, depoimentos, pesquisa social. Em geral as pesquisas de campo tem universo e amostragem de pesquisa pequeno e ainda tratam do tema de forma bastante contextualizada territorialmente. Embora as experiências relatadas se assemelham, é necessário maior aprofundamento e ampliação do universo das pesquisas para se traçar um panorama nacional acerca do envelhecimento das travestis.

Seis estudos (como o artigo Travestis envelhecem?), são de revisão bibliográfica ou de literatura. Ainda há um editorial, selecionado para o estudo não pelo seu método de pesquisa, mas pelo reconhecimento da importância de um editorial tratar do tema.

Quando se considera que apenas um estudo específico na área da saúde foi encontrado e que, somado as demais publicações, trazem amostragens pequenas e universo de pesquisa limitado, indica-se a grande defasagem de conhecimento acerca da realidade da saúde de travestis em geral e idosas em particular.

Além de descrever e analisar as características das publicações, este estudo objetivou analisar seu conteúdo, buscando levantar elementos fundamentais para compreender a realidade das travestis, especificamente no contexto do envelhecimento e ainda buscar elementos relacionados ao atendimento em saúde. Na sequência, faz-se a descrição desses apontamentos.

### **Resultados e considerações dos estudos acerca do tema.**

Os poucos estudos realizados, ainda que esparsos, trazem resultados importantes e permitem que se inicie um traçado do perfil e da realidade do

envelhecimento das travestis no Brasil e da atuação da saúde pública, suas políticas e condições de acesso e acolhimento.

Não é possível planejar políticas, metas e ações sem que se conheça as características de um segmento populacional e especialmente, que se compreenda a realidade a partir da percepção que quem faz parte deste grupo, no caso das travestis. Os estudos selecionados colaboram para dar voz as travestis e incluir este segmento da população na academia que é o mais importante passo para se iniciar o reconhecimento da existência social, cultural e, portanto, cidadã, destas pessoas. É neste sentido que se descreve e analisa as publicações selecionadas quanto ao seu conteúdo e resultados das pesquisas.

Conforme apontado no Quadro 1, a identidade pessoal e as trajetórias sociais são os principais focos das pesquisas que buscam narrativas sobre a vida familiar, social e profissional das travestis para, a partir disso, construir suas identidades sociais.

Os estudos apontam uma expectativa de vida média entre 30 e 45 anos (NOGUEIRA, 2013) e também indicam que a vida adulta, na concepção das travestis não ultrapassa a média de três décadas, ou seja, uma travesti com idade superior há 30 anos já é considerada velha (NOGUEIRA, 2013; COSTA, 2013; SIQUEIRA, 2004).

Considerando que a velhice traz consigo fragilidades na questão da saúde, da capacidade de autonomia e independência para todas as pessoas, ao se verificar a situação das travestis, que pela exclusão social tendem a uma vida marginalizada, as dificuldades tendem a chegar mais cedo e com maior impacto (SIQUEIRA, 2004; ANTUNES, 2011; ANTUNES, 2013; LOPES, 2013; COSTA, 2013).

Conforme levantado nos estudos (ANTUNES; MERCADANTE, 2011; ANTUNES, 2011; ANTUNES, 2013; CASTELEIRA, 2014) parcela significativa da população de travestis vive da prostituição, nas ruas. Para continuarem na profissão utilizam de meios proibidos, inseguros ou não recomendados para manter a aparência jovem, como o consumo excessivo de hormônios ou o uso de silicone industrial, proibido para uso humano e nefasto para a saúde. Associado a isso, o não uso de preservativos, a violência, a baixa qualidade da moradia e alimentação e ainda o distanciamento das travestis dos atendimentos básicos de saúde, resultam em envelhecimento precoce tanto em termos físicos, como na percepção do outro, seja a sociedade (ou seus clientes) ou as próprias travestis.

Um dos estudos encontrados mais completo com relação a travestilidade e o envelhecimento, de Antunes (2013), aponta que cerca de 90% das travestis torna-se prostituta e vive à margem da sociedade, sendo acolhidas, em geral, por travestis mais velhas e, assim, forma-se uma corrente em que a exclusão social e familiar é o mote para o acolhimento dos novos pares e a força para a vida improvisada que em geral, as travestis tem.



**Quadro 1 – Identificação dos estudos selecionados na pesquisa sistemática de 2000 a 2015.**

<b>Identificação dos estudos</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Método</b>	<b>Resultados e considerações</b>
<i>Sou senhora: um estudo antropológico sobre travestis na velhice</i> Siqueira (2004) Dissertação - Universidade Federal de Santa Catarina	Contextualizar a experiência de envelhecimento de um grupo de travestis, levando em conta a sua representação de gênero.	Pesquisa etnográfica, realizada no Rio de Janeiro, com cinco travestis entre 59 e 79 anos.	Dificuldades em se atingir uma idade avançada, mas, as que conseguem envelhecer, vivem mais tranquilas, com melhor qualidade de vida e, entendem estar na sua melhor fase. Alcançar a velhice para travestis, num país que desrespeita todas as pessoas idosas, é um privilégio, considerado um status perante o grupo. Envelhecer é resultado de um enfrentamento politizado, tranquilo, engajado e, servindo de exemplo.
<i>Dragões: gênero, corpo, trabalho e violência na formação da identidade entre travestis de baixa renda</i> Gargia (2007) Tese - Universidade de São Paulo	Investigar a constituição da identidade social entre as travestis, pela análise de quatro eixos fundamentais: gênero, corpo, trabalho e violência.	Observação participante ativa. Travestis de baixa renda participantes de instituição pública de São Paulo.	As principais identidades incorporadas pelas travestis foram: mulher submissa, puta, mulher sedutora, viado, malandro, bandido. Há ambiguidade na identidade dos travestis, ora masculino, ora feminino. Se observa um número maior de travestis de baixa renda que vivem da prostituição, envelhecendo nas ruas.
<i>Na Lapa tudo é permitido! A Lapa sob o olhar e a experiência de travestis das antigas</i> Rocha e Siqueira (2009) Revista Iluminuras	Compreender os processos pelos quais este grupo foi construindo ao longo de suas trajetórias sociais e por intermédio de seus itinerários urbanos, suas práticas de sociabilidade relacionadas às suas vivências na cidade do rio de janeiro.	Trabalho de campo para fins de doutoramento com um grupo de travestis acima dos 60 anos e residentes na cidade do Rio de Janeiro.	Nenhuma das personagens nasceu no bairro ou em seus arredores. Morar na Lapa representou a ruptura com um estilo de vida mais familiar, a saída da casa dos pais e certo afastamento da comunidade de origem. A cidade, as diferentes apropriações do espaço urbano, se apresentam como um dos principais quadros de referência das memórias delas. Compreender como determinados lugares foram se constituindo como espaços de sociabilidade é mostrar como esses sujeitos foram desenvolvendo vínculos com a cidade e se constituindo como cidadãos.
<i>Arrasando horrores: uma etnografia das memórias, formas de sociabilidade e itinerários urbanos de travestis das antigas</i> Siqueira (2009) Tese – Universidade Federal de Santa Catarina	Estudo etnográfico das narrativas biográficas e formas de sociabilidade de sujeitos que se identificam como “travestis das antigas”.	Pesquisa etnográfica, realizada no Rio de Janeiro, com 9 travestis entre 44 e 68 anos.	Todas artistas/prostitutas que construíram uma história da qual se orgulham e que se mistura a história da cidade. Tiveram a capacidade de construir essa história coletivamente, Agora mais velhas mantêm-se unidas, uma colaborando com a outra. Algumas morando no mesmo espaço, outras, encontrando-se para viver e reviver.
<i>Arte e criatividade – caminhos para a longevidade</i> Brandão (2011) Revista Portal de Divulgação	Refletir sobre o envelhecimento na sociedade pós-moderna.	Editorial	As questões relativas ao envelhecimento e a moradia das travestis, especialmente na fase da velhice, além de sérios problemas sociais sem a atenção e ação devidas, trazem em si uma grande carga adicional de preconceitos. A criatividade e certa “arte” de (sobre) viver é um dos recursos utilizados pelas travestis, pois, elas “precisam inventar suas vidas de forma original, pois, como não “existem” perante a lei, estão sujeitas a todo tipo de violência e aniquilamento”.

<i>Algumas contribuições da filosofia e sociologia na compreensão do envelhecimento e velhice de travestis</i> Antunes e Mercadante (2011) Revista Portal de Divulgação	Tratar do envelhecimento de travestis.	Revisão de literatura	Escassez de estudos publicados sobre o envelhecimento e velhice de travestis - que muitas vezes não chegam a envelhecer. As travestis idosas são consideradas abjetas mesmo antes do seu processo de transformação. Atravessam a vida como abjetas. As que atingem a velhice são verdadeiras sobreviventes.
<i>Quais condições de moradia algumas travestis têm encontrado ao longo da vida?</i> Antunes (2011) Revista Portal de Divulgação	Refletir sobre como as travestis idosas têm lidado com a situação de moradia em suas vidas.	Revisão de literatura	A existência da travesti é precária desde a adolescência. Elas já são consideradas não humanas e, portanto, sem lugar. Muitas saem ou são expulsas de casa, por causa do intenso preconceito. Assim, buscam habitar espaços onde serão aceitas. A maioria encontra na prostituição acolhimento e funcionalidade mínima para sobreviver. Passam a vida em contextos violentos. As que atingem a velhice são verdadeiras sobreviventes da exclusão e do aniquilamento.
<i>Travestis, envelhecimento e Velhice</i> Antunes e Mercadante (2011) Revista Kairós - Gerontologia Temática,	Avaliar o processo de envelhecimento e da velhice daquelas pessoas designadas como travestis.	Qualitativo. Entrevista aberta com três travestis: duas com mais de 60 anos e uma com mais de 40 anos. Foram escolhidas através do contato com ONG de LGBT.	Dois entrevistadas se assumem como prostitutas, sendo que uma fala da dificuldade de envelhecer sem apoio e numa profissão em que a idade a impede de continuar, já a outra não tem medo de envelhecer e afirma que consegue trabalhar mesmo mais velha, pois a educação, a elegância e os cuidados consigo mesma a fazem ainda sedutora. A terceira entrevistada se define como artista, mantendo-se ainda atuante, associa a velhice com a morte. A exclusão de travestis inicia na família e continua na sociedade. Não tem políticas públicas de saúde, por isso, tentam manter o corpo bem e atraente utilizando recursos perigosos, vivem em espaços perigosos. Quem alcança a velhice é sobrevivente.
<i>Identidade no envelhecimento de travestis</i> Casteleira (2012) VI Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade sexual e de gênero da ABEH	Investigar a identidade do envelhecimento a partir das memórias das travestis com idade acima de 40 anos da cidade de Maringá, no Paraná.	Estudos da oralidade de memórias e compreensão que as travestis possuem da velhice	Ainda que rompam com diversos paradigmas heteronormativos, acabam por sofrer similarmente alguns processos do envelhecimento, contudo, sob estigmas que lhes confere mais invisibilidade: a velhice, em oposição a uma cultura que cobra o corpo perfeito, jovem e sadio, onde as relações com o que lhes circundam não são mais de aproximação, mas de afastamento. O envelhecimento e a travestilidade tem relação direta com a invisibilidade e maior sofrimento das travestis.
<i>Travestis envelhecem?</i> Antunes (2013) Seminário Internacional Fazendo Gênero)	Conhecer a velhice e o envelhecimento daquelas que foram designadas como travestis.	Crítica de literatura e relato de experiência	As travestis passam a vida invisíveis o que piora com o envelhecimento. Tem baixa expectativa de vida. É preciso haver políticas públicas que as amparem, incluindo políticas de saúde que as auxiliem em seus processos de transformação corporal para que não tenham que se arriscar clandestinamente com silicone industrial e ingestão hormonal desregrada e que inclua proteção específica a velhice.

<p><i>Ser diferente e chegar à maturidade (...). “experiências de envelhecimento e travestilidade</i> Lopes (2013) Seminário Internacional Fazendo Gênero</p>	<p>Dar visibilidade, rachar silêncios, esgarçar o dito, questionar a inevitabilidade do trágico, da violência e da morte prematura, frutos de uma vida abjeta travesti.</p>	<p>Revisão de literatura</p>	<p>Hoje, no Brasil, já existe bibliografia sobre a travestilidade. Contextos sociais, culturais e históricos são mapeados e articulados para produzir respostas a uma série de objetivos. Contudo, poucos trabalhos focalizam as experiências, as memórias e as escritas de si das travestis consideradas “velhas”, “idosas” e/ou “senhoras”. Poucos são aqueles/as que privilegiam as experiências de envelhecimento para analisar como essas travestis constituem ou constituíram para si novas subjetividades, novas relações de si para consigo na chamada “velhice.</p>
<p><i>Travestilidades: incursões sobre envelhecimento a partir das trajetórias de vida de travestis da cidade do Recife.</i> Costa (2013) Dissertação - Universidade Federal de Pernambuco</p>	<p>Contribuir para discussões dos processos de construção das travestilidades, assim como refletir sobre questões que problematizam a representação do corpo, do gênero e da sexualidade no cotidiano.</p>	<p>Discursos e observação de fotografias e material audiovisual produzido em contextos diferentes nos encontros com as quatro interlocutoras.</p>	<p>As travestis incorporam em seus discursos imagens negativas e positivas do envelhecimento. As imagens negativas são associadas perspectiva solitária, a invisibilidade por falta de reconhecimento e a decadência corporal, muitas vezes precoce. Concepções relacionadas às ideias positivadas enfatizaram benefícios que a maturidade traz e, dessa forma, contribuíram para perceber as possibilidades de reinterpretar o corpo e o envelhecimento.</p>
<p><i>“Mariconas”: itinerários da velhice travesti, (des) montagens e(in) visibilidades</i> Nogueira (2013) Tese – Universidade Federal da Paraíba</p>	<p>Compreender como os sujeitos que são identificados como mariconas, irenes, tias e bichas velhas lidam com os processos de envelhecimento e com a velhice.</p>	<p>Entrevistas semiestruturadas, no período de junho de 2010 a maio de 2011, em Lisboa e em Fortaleza, entre 40 e 62 anos.</p>	<p>Foi necessário circular por espaços como bares, boates, cafés, saunas, serviços de saúde, para contatá-las. Foi difícil articular conceitos inerentes à velhice, diante do complexo de saberes alojados na transvestilidade. Há uma dicotomia nos discursos em que, de um lado há uma glamorização da vida e do envelhecer e do outro, a negligência, a violência, o preconceito tanto à velhice, quanto à condição de travestis. Há singularidade no envelhecer das travestis.</p>
<p><i>O envelhecimento de trans jovens: falas, imagens e corpos</i> Castelaira (2014) Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas</p>	<p>Pontuar como pessoas trans femininas projetam suas velhices a partir da memória de vivência de seus corpos e das demais pessoas.</p>	<p>Depoimento de 4 pessoas trans entre 18 e 29 anos.</p>	<p>As trans entrevistadas evidenciam a relação entre suas corporalidades e a beleza cobrada na prostituição. Nenhuma travesti quer envelhecer, principalmente porque a ideia de envelhecimento está atrelada à de substituição por um corpo mais jovem. O tempo cronológico difere de mulheres biológicas, pois, para as trans ser ‘velha’ no mundo implica em sair da juventude, aos vinte e nove anos, e com trinta e cinco estar no patamar da velhice.</p>
<p><i>Experiências geracionais e narrativas de travestis mais velhas e jovens</i> Sabatine (2014) 29ª Reunião Brasileira de Antropologia</p>	<p>Analisar processos sociais que constituem as experiências geracionais de travestis de meia-idade e mais jovens</p>	<p>Etnografia dos territórios e interações no mercado do sexo e em demais vivências cotidianas, explorando a prevenção de hiv/aids e a saúde das</p>	<p>As travestis mais velhas, hoje com trinta, quarenta ou mais anos, viveram com muita intensidade o advento da epidemia, conviveram com a angústia coletiva criada pela letalidade da AIDS e com os efeitos de recrudescimento dos preconceitos que associaram homossexualidade e doença. Também adquiriram competências para lidar com a experiência de sofrimento e medo e construíram um saber alternativo para moldar o corpo e seus estilos de vida, mesmo que em alguns casos levasse a morte e ao estigma.</p>

		travestis que se prostituem na cidade de Marília.	As experimentações de jovens travestis no presente delineiam intensas reflexões no cotidiano compartilhadas com as "travestis mais velhas".
<i>Considerações sobre o envelhecimento de gays, lésbicas e travestis</i> Lima (2014) Seminário de Educação, Diversidade Sexual e Direitos Humanos	Descrever a produção científica acerca da homossexualidade em pessoas idosas no Brasil.	Revisão integrativa da literatura, com análise das publicações entre os anos de 2004 a 2012 em bases de dados on-line.	Todas as 12 publicações analisadas destacaram a questão do duplo estigma, o de ser idoso e o de ser homossexual. Porém, os idosos homossexuais do sexo masculino tendem a perceber mais intensamente esse duplo estigma. Destaca-se a necessidade de apoio teórico e político para as pessoas idosas homossexuais, uma vez que a literatura nacional mostrou-se escassa e, além disso, os estudos foram conduzidos com um número muito pequeno de indivíduos.
<i>Mulheres em situação de rua: trajetórias de invisibilidade e exclusão na construção de identidades</i> Dias et al. (2015) Anais IV Seminário Enlaçando Sexualidades - UNEB	Investigar trajetórias de vida de mulheres em situação de rua em Belo Horizonte.	Pesquisa social aplicada a duas Mulheres com trajetórias de rua de Belo Horizonte. Análise da biografia.	A expressão da travestilidade é marcadamente estigmatizada e marginalizada. Família, sociedade e instituição tendem a invisibilização e à agressão direta. Na rua e, geralmente sobrevivendo da prostituição essas pessoas ficam expostas a violência e a discriminação, porém, lá também é o único local em que encontram afeto. O envelhecer é pouco promissor e possível a elas.
<i>Infinitos particulares: memórias, vivências queers e microterritórios em Campina Grande (PB)</i> Azevedo (2015) Primeiro Colóquio internacional de história cultural da cidade	Investigar a construção do cotidiano queer na cidade de Campina Grande (PB), tendo como cenário diversos espaços inscritos por essas práticas.	Depoimentos de dois sujeitos: "Maria de Kalú" a proprietária do primeiro Bar Gay da cidade e a travesti campinense mais antiga em atividade.	"Pensões", apartamentos possibilitam significar espaços pela multiplicidade de práticas a partir das interações entre indivíduos e as relações construídas desses com os espaços percorridos. Constrói-se uma cartografia dos desejos em Campina Grande. Observou-se o caminhar que essas pessoas trilharam, sempre buscando um espaço na cidade e cada vez mais sendo sugadas pelo tempo e idade.
<i>A velhice e envelhecimento a partir da fala de jovens trans</i> Casteleira e Maio (2015) Simpósio Internacional de Educação Sexual	Analisar como se dá a elaboração da velhice a partir das falas de pessoas trans (femininas) jovens, bem como suas imagens suscitadas pelas memórias, pautado nas análises de depoimentos.	Registro oral de quatro depoimentos, realizados no período de janeiro a agosto de 2013, aliado à descrição e análise das falas	As análises das falas dos quatro depoimentos revelam a afirmativa de que a velhice para uma trans feminina se dá logo após os trinta anos, especialmente pela importância que a aparência corporal tem para sua sobrevivência e pelas marcas que a vida cotidiana impõe muito precocemente. Essas relações podem imprimir mais ainda o estigma da invisibilidade.

**Fonte:** os autores

Parte significativa dos estudos (SIQUEIRA; ROCHA, 2008; ANTUNES, 2013; COSTA, 2013; LIMA, 2014; AZEVEDO, 2015; CASTRO *et al.*, 2015) aponta a exclusão familiar como um dos elementos causais da vida pregressa das travestis idosas, ou seja, a juventude dessas mulheres foi vivida entre as décadas de 1960 e 1980, período em que a discriminação era ainda mais forte e violenta. Além das famílias não aceitarem a condição de seus, também a comunidade em que viviam e ainda o sistema político ditatorial da época os relegava a uma única escolha: sair de suas casas familiares, abandonar a escola e buscar abrigo nas ruas, em pensões ou em lares divididos entre muitas travestis. E o trabalho limitava-se à prostituição, em geral, nas ruas das grandes cidades brasileiras. Esse cenário se estendeu ao logo da vida e permeia a vida das travestis idosas de hoje.

Mas há uma condição ainda mais dolorosa na história de muitas travestis idosas, a perda da “família” de rua ou de moradia, pelas doenças, assassinato, prisão, entre outras situações, resultado direto da condição de ignoradas pela sociedade e família ou de combatidas pela não aceitação da sua condição sexual. Azevedo (2015, p. 223) aponta essa situação em uma de suas entrevistas: “a amizade como modo de vida restou apenas nas memórias de Valquíria, em todas as entrevistas Valquíria expôs o saudosismo e a solidão como principais batidas da melodia que é sua vida no presente”.

Doenças sexualmente transmissíveis, especialmente o HIV são comuns. Muitas das travestis idosas viveram intensamente o período de maior disseminação do vírus, inclusive, muitas delas tendo vivido na Europa na época (anos das décadas de 1980 e 1990) quando ocorreu a fase de maior propagação e elas viviam como prostitutas em cidades como Paris, Roma e Londres (GARCIA, 2007; ANTUNES, 2011; COSTA, 2013).

Mas a violência foi e ainda é o mais grave e inaceitável drama das travestis e principal causa das mortes prematuras. O Brasil está em primeiro lugar no número de mortes por transfobia, alcançando 50% do total mundial, superando em quatro vezes as mortes pela mesma motivação no México, que é o segundo colocado nas estatísticas. Aquelas que sobrevivem e conseguem envelhecer tendem a morar juntas ou próximas e auxiliar as mais novas que chegam (SIQUEIRA, 2004).

Um dos estigmas que afeta diretamente as travestis é o senso comum de que são prostitutas por escolha e não porque a exclusão familiar, social e do poder público limitaram suas possibilidades de sobrevivência. Em diversos relatos dos trabalhos não é isso que se observa: “[...] nem sei se eu gostava não, foi a única saída que me deram, está entendendo?” (CASTRO *et al.*, 2015).

Em seu estudo com travestis de baixa renda Garcia (2007) levantou que a prostituição é o único caminho já que pouco frequentaram a educação formal e que, se de um lado as travestis mais idosas abrigam as mais novas que chegam, por outro lado, tendem a ter conflitos com elas em função da concorrência, pois, perdem trabalhos para as mais jovens e precisam diminuir o valor de seus programas para conseguir clientes e sobreviver.

O estudo de Siqueira e Rocha (2008) com travestis ‘das antigas’ do bairro da Lapa no Rio de Janeiro apontou outro aspecto importante na constituição das identidades das travestis: o pertencimento ao lugar que escolhem para trabalhar e viver. É assim, juntamente, com as parcerias entre travestis que constroem

suas bases, substituindo a família, bem como sua constituição social. Côrte e Brandão (2011) enfatizam a criatividade das travestis para buscar sua percepção de pertença, buscando o lugar, o espaço e o lar que as abrigue e que permita suas mutações e construções ao longo da vida, para que, quando e se conseguirem envelhecer, terem um pouco de dignidade.

Saúde, políticas de saúde, programas públicos de saúde são citados em alguns estudos, mas muito pouco aprofundados na maioria deles. Encontrou-se apenas um estudo escrito por um profissional de enfermagem e ainda assim abordando questões relativas à história de vida das travestis idosas, sem aprofundamento às questões de saúde. O estudo de Moreira (2013) é o que mais aponta para a importância dos cuidados em saúde e aponta a inércia do sistema em relação às travestis. Enfatiza que as dificuldades aos meios para garantir a saúde é um dos mais graves problemas que enfrentam durante toda a vida, tanto especificamente em relação às doenças sexualmente transmissíveis, ou com as drogas, como nos aspectos gerais, pois não há políticas públicas efetivas voltadas à promoção da saúde entre esse segmento social.

Sabatine (2014) indica a existência de programas públicos de saúde voltados à informação sobre o uso de drogas e os perigos do HIV, mas também aponta para o pouco acesso das travestis a estas informações.

Outro aspecto tratado nos estudos analisados diz respeito à forma como as travestis mais velhas transformaram seus corpos. Em geral utilizando silicone e outros produtos proibidos ao uso humano.

O corpo 'construído' pela travesti é um corpo que deve atender seus propósitos subjetivos e privados, enquanto desejo de ser mais feminina, ter cabelos mais compridos, entre outros, mas atende também propósitos objetivos e públicos, uma vez que seu corpo será um meio de trabalho visto por clientes que buscam prazer (CASTELEIRA, 2012, p. 2).

O desejo de serem femininas e a exclusão social que limita o acesso a quase tudo, as levou, em sua maioria, a utilizar deformas perigosas de tratamento ou intervenção na busca da feminilidade física. Muitas delas, hoje, têm diversos problemas de saúde ou estéticos e tornam-se conselheiras das mais jovens (GARCIA, 2007; SIQUEIRA, 2009; ANTUNES, 2013; COSTA, 2013).

Como em todos os demais campos – moradia, família, relacionamentos, trabalho – a estética corporal das travestis foi construída sob a base da provisoriidade e da improvisação.

Os resultados deste levantamento permitem avaliar alguns elementos como a exclusão social, a prostituição como meio de vida, a necessidade de manter o corpo para subsistir, o uso de silicone e outros meios não indicados, entre outros aspectos a serem analisados na sequência.

Os aspectos quantitativos do estudo apontam que há um visível crescimento no número de estudos que tratam da travestilidade e o envelhecimento. Enquanto até o ano de 2004 nenhum texto foi encontrado e entre 2004 e 2009 apenas três, entre 2011 e 2015 foram 15 estudos selecionados. Isso indica o avanço positivo em relação ao reconhecimento da existência das travestis. Elas deixam de ser completamente invisíveis, ao menos

aos olhos das ciências e um pequeno espaço é aberto para que sejam reconhecidas enquanto seres sociais e humanos.

Lima (2014) em seu estudo de revisão integrativa sobre gays, lésbicas, e travestis idosas encontrou, no período de 2000 a 2012, apenas 12 artigos e somente três que tratavam do envelhecimento de travestis. Indica em sua pesquisa que somente a partir de 2004 encontrou estudos dessa natureza, corroborando ao encontrado em nossa pesquisa.

Os estudos sobre o envelhecimento de pessoas que se definem como travestis ainda são escassos, especialmente quando são consideradas questões como o acesso à saúde, ainda que se tenha percebido um progressivo aumento das pesquisas em torno dessa tão negligenciada população. Assim, os estudos focam em contextualizar a vida e as vivências das travestis, os problemas que enfrentam, mas ainda não trazem efetividade nas ações ou sugestões de meios para combater a discriminação. também o tema envelhecimento é raro em estudos e quando estudado ainda é explorado de forma superficial.

Assim como o tema envelhecimento é raro nos estudos, também envelhecer para as travestis, é um privilégio e as poucas que conseguem envelhecer, nem sempre alcançam o mínimo de dignidade. O acolhimento que conseguem, limita-se ao próprio grupo, dividindo moradia, auxiliando-se umas às outras.

Talvez o papel mais importante das travestis mais velhas é o de passar conhecimento, de acolher e proteger as travestis jovens que chegam, na maioria das vezes com as mesmas histórias de exclusão e segregação porque passaram as sobreviventes idosas e por isso, tornam-se madrinhas ou exercem o papel materno que tanta falta fez a elas, já que a maioria foi afastada da família.

Na questão da velhice vários fatores pesam demasiadamente: o fato de serem prostitutas, de se travestirem e de serem mulheres, mas, para isso, é necessária a transformação física. Na sociedade moderna, da beleza e da juventude, elas definitivamente não podem envelhecer, pois, dependem disso para construir suas identidades, para terem renda e para serem aceitas como mulheres.

Em estudo com travestis jovens sobre o envelhecimento, Casteleira (2014, p. 24) conta que as entrevistadas deixam muito evidente a relação entre as suas corporalidades e a beleza, essenciais para se manterem trabalhando, especialmente na rua, com prostituição, já que a “rua se constitui uma passarela sempre apta ao desfile, aguardando que cada uma esteja bonita e bem trajada. [...] a tônica revelada é a de que quanto mais jovem e bonita, mais atenção se ganha, indiferente se ganham ou não dinheiro, o que importa é ser observada”.

Como são ou foram prostitutas e algumas privilegiadas pela vida conseguiram organizar carreira promissora em palcos de teatro, de dança, em bares ou espaços para a comunidade LGBT, a tendência é serem menos valorizadas com a idade. Cedo são consideradas velhas e iniciam, assim, um longo processo em que precisam lutar contra a decadência, o aprofundamento do abandono que já vivem e, em muitos casos a doença. Aos 35 anos já tem a preocupação latente e real do envelhecimento, precoce e dolorido.

E a maioria realmente não consegue envelhecer, morrem cedo, como apontado pelos estudos, não passa dos 30 anos e aquelas que alcançam essa

idade já são consideradas velhas. No Brasil hoje, a expectativa de vida das travestis gira em torno de 35 anos.

Parte significativa dos estudos aponta para aspectos como exclusão social, familiar e profissional, para a tendência a prostituição, por não conseguirem frequentar a educação formal, não terem apoio da família e terem praticamente fechadas as portas do mercado de trabalho. Dessa forma, as ruas são o local de convivência, de encontrar pares que vivem a mesma história e de buscar meios de chamar a atenção e serem percebidas. Esse cenário leva muitas travestis à morte prematura e, quem envelhece, soma à toda negligência, os problemas comuns do envelhecimento, a dificuldade em continuar sobrevivendo da prostituição e o pouco ou nenhum apoio institucional para questões como saúde e aposentadoria.

É evidente a resistência em envelhecer e ainda mais em assumir a idade e o envelhecimento (CASTELEIRA, 2014), e é justificada em função da relação direta entre sobrevivência no trabalho e juventude.

Por outro lado, Costa (2013) levantou que a vida de lutas ensinou as travestis mais velhas a driblarem também o peso do envelhecimento, o que as impulsiona a diferentes percepções sobre as possibilidades de aproveitar a velhice, conquistando efetivamente a autonomia sobre a qual lutaram por toda a vida. Assim, percebem um impulso de alegria em viver, apesar de tudo. Entre os aspectos positivos citados estão: o respeito das travestis mais jovens e de outras pessoas como vizinhos; a experiência de vida que as faz mais ponderadas e para algumas a segurança, já que conseguiram algum conforto como casa própria e assim, a liberdade tão sonhada.

O envelhecimento, além de um processo biológico, constitui-se como “construção sociocultural, ligada às expectativas, valores e ética da sociedade” (MEDEIROS, 2006, p. 14). Apesar das dificuldades, mantém uma história de luta política por seus direitos e pelo espaço social, muitas delas conseguindo status privilegiado entre seus pares.

Lopes (2013) também levantou aspectos positivos elencados pelas suas entrevistadas sobre o envelhecimento. Preocupam-se com a beleza, porém, se aceitam e se desejam belas, não somente em função da pressão social e dos grupos que convivem, mas sim porque sentem-se felizes em se manter belas e desejam esse embelezamento para sua autoestima. Algumas delas entendem que com o envelhecimento encontraram a forma certa da sua feminilidade. Encontraram o seu lugar e desabrocharam como mulheres. Seria então o alcance do objetivo primordial de suas identidades. Talvez, a maior conquista das travestis.

É comum encontrar travestis idosas convivendo com o HIV/AIDS, assim como são muitos os relatos de mortes em função da síndrome. Viveram o auge da epidemia e como relata. Sabatine (2014, p. 5) “[...] vivenciaram com muita intensidade o advento da epidemia, conviveram com a angústia coletiva criada pela letalidade da doença e com os efeitos de recrudescimento dos preconceitos que associaram homossexualidade e doença”.

Aquelas que sobreviveram seguem o tratamento, mas a luta pela saúde é ainda uma das questões complexas e graves da vida das travestis, dado que tem pouco acesso a políticas públicas de prevenção e informação e sofrem com a baixa qualidade de vida (alimentação, moradia, trabalho nas ruas, violência).



Em todo o contexto da vida e história das travestis e mais especificamente sobre o tema saúde, o que se levantou pelo estudo é o quase nulo interesse das ciências da saúde em pesquisar e ainda mais em promover ações de saúde especificamente voltado para as travestis. Há o reconhecimento da necessidade e importância em se elaborar políticas públicas de saúde e ações junto a esse grupo, mas na prática pouco se encontra de efetivo. Estar-se-ia assim, cumprindo com o que determina a Constituição Federal: “Art. 196. A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação” (BRASIL, 1988).

Sabatine (2014), ao apontar a existência de programas públicos de saúde voltados aos grupos LGBT sobre o HIV e o consumo de drogas, indica o pouco acesso das travestis a essas políticas e informações, bem como, o despreparo das equipes de saúde da família para atender adequadamente essas pessoas e, ainda o não acesso à tecnologia mais avançada, em função do custo.

O desrespeito e a discriminação acabam por afastar as travestis do sistema de saúde que, portanto, torna-se responsável também pelas decisões de optar por medidas alternativas de moldagem do corpo e até mesmo pelo não atendimento básico em saúde.

Para ter acesso a essa população é essencial levar em conta que são pessoas estigmatizadas, sofridas, excluídas da sociedade, das comunidades e das famílias e, por isso, resistem em procurar ajuda, muitas sequer acreditam que serão atendidas ou acompanhadas por algum profissional de saúde e, portanto, é preciso preparo para a abordagem, é necessário ir ao encontro das travestis e ainda, atraí-las de modo afetivo e respeitoso.

Conhecer suas trajetórias de vida possibilita identificar quais são os pontos mais críticos onde não há qualquer amparo existencial. Elas são grandes improvisadoras, visto que não são reconhecidas como pessoas humanas. Precisam inventar suas vidas de forma original. Como não “existem” perante a lei, estão sujeitas a todo tipo de violência e aniquilamento. Quem as defenderá? (ANTUNES, 2013, p. 232).

A promoção da saúde para travestis é um desafio à enfermagem que, por ter uma história de luta pela democratização do acesso à saúde e um movimento em prol da informação e da construção social da saúde, pode e deve conduzir esforços em prol da dignidade e do bem-estar das travestis. Um único artigo tem como autor um profissional de enfermagem, graduado e licenciado na profissão e especialista em Direito Sanitário. É também o único artigo encontrado em saúde coletiva, mostrando o quão distante ainda está a saúde e suas profissões desse grupo populacional.

De forma muito específica, a enfermagem pode colaborar para efetivar políticas públicas de cuidados em saúde voltados especificamente para preparação para o envelhecimento e, quando ele chegar, para atender, respeitando as singularidades dessas pessoas, com dignidade, eficiência e sem discriminação.

Em linhas gerais, o tema travestis e envelhecimento aponta para dois contextos:

Significados contraditórios são mobilizados para dar sentido ao envelhecimento de travestis. De um lado são negativos, pois envolvem a perda de funções e competências, o ostracismo e a desvalorização em função da valorização estética da juventude, envolvem também o descuido e sistemática falta de políticas públicas que perpetua as exclusões desde a tenra idade, assim as marcas da velhice expõe esta trajetória trôpega e em direção a decadência. De outro lado, a menção positiva ao envelhecimento, pois, aquelas que envelhecem são sobreviventes exemplares e raras das injunções do poder, e por isso, sugere o autor, podem servir de referência para as mais jovens (SABATINE, 2014, p. 9).

O que se observa nos estudos, especificamente aqueles que ouviram atentamente as travestis, é que é um segmento populacional rico em vida, em experiência, em conhecimento da realidade social e com peculiaridades que precisam ser respeitadas e incluídas na academia, no sistema de saúde e na sociedade.

## CONCLUSÃO

Nestes textos percebe-se que há um processo histórico e contínuo de exclusão que inicia na família e continua na escola, no trabalho e no cotidiano social. As travestis idosas que narram as suas histórias apontam situações comuns, como a não aceitação familiar, da comunidade e da sociedade em geral. Tem baixa escolaridade, pouco acesso a renda e ao trabalho e emprego formal, vivem a rejeição em todos os campos sociais, incluindo a saúde pública.

A maioria dos estudos aponta para aspectos como exclusão social, familiar e profissional, ou seja, determinantes sociais, responsáveis diretos pelo número de travestis prostitutas, por não conseguirem frequentar a educação formal, não terem apoio da família e terem praticamente fechadas as portas do mercado de trabalho. Dessa forma, as ruas são o local de convivência, de encontrar pares que vivem a mesma história e de buscar algum meio de chamar a atenção e serem percebidas. Esse cenário leva muitas travestis a morte prematura e quem envelhece, soma à toda negligência, os problemas comuns do envelhecimento, a dificuldade em continuar sobrevivendo da prostituição e o pouco ou nenhum apoio institucional para questões como saúde e aposentadoria.

Mais especificamente, os estudos apontaram para a indiferença do campo da saúde na questão do envelhecimento de travestis. Não há estudos específicos e contundentes, assim como pouca ou nenhuma política de saúde efetivada.

Urge, portanto, investigar como os profissionais da saúde, especialmente a enfermagem atuam na saúde pública em relação as travestis, tanto na forma como as recebem, atendem, como nos meios com que promovem a saúde. A partir disso deve-se produzir e aplicar programas, ações e intervenções voltados especificamente as travestis de todas as idades e condições, em parte focando nas travestis idosas e na promoção do envelhecimento com qualidade de vida.

**REFERÊNCIAS**

ANTUNES, P. P. **Travestis envelhecem?** São Paulo: Annablume. 2013. 258 p.

ANTUNES, P. P. Quais condições de moradia algumas travestis têm encontrado ao longo da vida? **Revista Portal de Divulgação**, v. 16, p. 38-54, 2011.

ANTUNES, P. P.; MERCADANTE, E. F. Travestis, envelhecimento e velhice. **Revista Kairós Gerontologia Temática**, v. 14, n. 5, p. 109-132, 2011.

ANTUNES, P. P.; MERCADANTE, E. F. Algumas contribuições da filosofia e sociologia na compreensão do envelhecimento e velhice de travestis. **Revista Portal de Divulgação**, v. 11, p. 76 - 95, 2011. Disponível em: <<http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/revista/index.php>>. Acesso em: 22 mar 2016.

AZEVEDO, C. L. Infinitos particulares: memórias, vivências queers e microterritórios em campina grande (PB). **1º Colóquio Internacional de História de Cultura da Cidade**. Porto Alegre: 9 a 11 março 2015.

BOMFIM, S. S. **Orientação sexual na escola: tabus e preconceitos, um desafio para a gestão**. 70fl. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Colegiado de Pedagogia, Salvador, 2009.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Planalto. 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao.htm)>. Acesso em: 16 jun. 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Saúde Integral LGBT**. Portaria nº 2.836, de 1º de dezembro de 2011. Brasília: DOU, 2011.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. [Tradução: Renato Aguiar].

CASTELEIRA, R. P.; MAIO, E. R. A velhice e envelhecimento a partir da fala de jovens trans. In: **Simpósio Internacional de Educação Sexual**. UEM, p. 22-24, 2015.

CASTELEIRA, R. P. O envelhecimento de trans jovens: falas, imagens e corpos. In: III Simpósio Gênero e Políticas Públicas, 2014, Londrina. **Anais....** Londrina: Gráfica UEL, 2014.

CASTELEIRA, R. P. Identidade no envelhecimento de travestis. In: VI Congresso Internacional de Estudos Sobre a Diversidade Sexual e de Gênero Da ABEH, 2012, Salvador. **Anais...** Salvador, 2012.

CASTRO, B. P. *et al.* Mulheres em Situação de Rua: Trajetórias de Invisibilidade e Exclusão na Construção de Identidades. In: IV Seminário Enlaçando Sexualidades, 2015, Salvador. **Anais...**, Salvador: 2015.

CÔRTE, B.; BRANDÃO, V. Arte e criatividade: Caminhos para a Longevidade. **Revista Portal de Divulgação**, v. 16, p. 1-6, 2011. Disponível em: <<http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/revista/index.php>>. Acesso em: 22 mar. 2016.

COSTA, C. H. **Travestilidades: incursões sobre envelhecimento a partir das trajetórias de vida de travestis da cidade do Recife**. 143fl. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Recife, 2013.

FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas "estado da arte". **Educação & Sociedade** [online]. v. 23, n. 79, p. 257-272, 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302002000300013&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302002000300013&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 28 ago. 2016.

GARCIA, M. R. **Dragões: gênero, corpo, trabalho e violência na formação da identidade entre travestis de baixa renda**. 189fl. Tese (Doutorado em Psicologia Social), Instituto de Psicologia, USP, São Paulo, 2007.

GOSDAL, T. C. **Discriminação da Mulher no Emprego**. Curitiba: Genesis, 2003.

GROSSI, M. P. Identidade de Gênero e Sexualidade. **Antropologia em Primeira Mão**, PPGAS/UFSC, Florianópolis, n. 24, p.1-14, 1998 (revisado em 2010).

KULICK, D. **Travesti: Prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

LIMA, P. V. S. Considerações Sobre o Envelhecimento de Gays, Lésbicas e Travestis. In: III Seminário de Educação, Diversidade Cultural e Direitos Humanos, 2014, Vitória - Espírito Santo. **Caderno de Resumos...**, 2014. p. 31-32.

LOPES, F. H. 'Ser diferente e chegar à maturidade(...)'. Experiências de envelhecimento e travestilidade. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 10, 2013, Florianópolis. **Anais...** 2013. p. 1-14.

LOURO, G. L. **Currículo, gênero e sexualidade**. Porto: Editora Porto, 2000.

MATOSO, L. M. O papel da enfermagem diante da homossexualidade masculina. **Saúde**, v. 40, n. 2, p. 27-34, 2014.

MEDEIROS, S. Brasil: O que dizem os números sobre a pessoa idosa. In: XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais. ABEP, Caxambú, **Anais...** 18 a 22 de setembro de 2006.

MOREIRA, C. L. **Aspectos sociodemográficos, sexuais e de saúde das travestis que atuam como profissionais do sexo no bairro da Lapa - Rio De Janeiro.** Dissertação (Mestrado em Saúde da Família) Universidade Estácio de Sá. Rio de Janeiro, 2013.

NOGUEIRA, F. J. S. **“Mariconas”: itinerários da velhice travesti, (des) montagens e (in) visibilidades.** Tese (Doutorado em Sociologia), UFPB, João Pessoa, 2013.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Constituição da Organização Mundial da Saúde em 1946.** Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS-Organiza%C3%A7%C3%A3o-Mundial-da-Sa%C3%BAde/constituicao-daorganizacao-mundial-da-saude omswho.html>>. Acesso em: 15. jun. 2016.

ROMANOWSKI, J.P. **As licenciaturas no Brasil: um balanço das teses e dissertações dos anos 90.** Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, USP, São Paulo, 2002.

SABATINE, T. T. Experiência geracionais e narrativas de travestis mais velhas e jovens. In: 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2014, Natal/RN. **Anais...** 2014. p. 1-20.

SIQUEIRA, M. S. **Sou Senhora: um estudo antropológico sobre travestis na velhice.** Dissertação (Mestrado em Antropologia) Programa de Antropologia, UFSC, 2004.

SIQUEIRA, M. S. **Arrasando horrores: uma etnografia das memórias, formas de sociabilidade e itinerários urbanos de travestis das antigas.** Tese (Doutorado em Antropologia Social) Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC, Florianópolis, 2009.

SIQUEIRA, M. S.; ROCHA, A. L. Na Lapa tudo é permitido! A Lapa sob o olhar e a experiência de travestis das antigas. **Illuminuras** (Porto Alegre), v. 19, p. 1-17, 2008.

WALKER, D. **Introdução ao Estudo da Sexologia**, 2007. Disponível em: <[http://www.4shared.com/file/17434626/d47ca8f1/d\\_wr- ea.html?cau2=403tNull](http://www.4shared.com/file/17434626/d47ca8f1/d_wr- ea.html?cau2=403tNull)>. Acesso em: 12 jun. 2016.

WYLLYS, J. **Tempo bom tempo ruim: Identidades políticas e afetos.** São Paulo: Paralela, 2014.